

# Programação e Trabalhos Apresentados

VII Simpósio Internacional de  
Dança em Cadeira de Rodas

I Encontro de Acessibilidade da UFJF



*de 8 a 13 de dezembro*

**PROGRAMAÇÃO E  
TRABALHOS DO VII SIMPÓSIO  
INTERNACIONAL DE  
DANÇA EM CADEIRA DE  
RODAS E DO I ENCONTRO DE  
ACESSIBILIDADE DA UFJF**

Juiz de Fora, 8 a 13 de dezembro de 2009



© 2009 by Eliana Lucia Ferreira (organizadora).  
Direitos desta edição reservados à Intertexto Editora e Consultoria Ltda.

Projeto gráfico, diagramação e editoração: Camilla Pinheiro

**Dados internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**

F612 Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas  
(7. : 2009: Juiz de Fora)  
Programação e trabalhos... / Eliana Lucia  
Ferreira (organizadora). - Niterói : Intertexto,  
2009  
66 p. ; 23 cm.

ISBN 978-85-87258-94-6.

1. Esportes para deficientes físicos. 2. Defi-  
cientes físicos - Reabilitação. I. Ferreira, Elia-  
na Lucia.

CDD 796.109

**UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DE CAMPINAS**

**Reitor**

Henrique Duque de Miranda Chaves Filho

**Pró-Reitor de Pesquisa**

Marta Tavares D'Agosto

**Pró-Reitor de Extensão**

Romário Geraldo

**Diretor da Faculdade de Educação Física**

Edna Ribeiro Hernandez Martins

**Coordenador da Pós Graduação**

Jorge Roberto Perroux de Lima

**Coordenador da Graduação**

Alice Mary Monteiro Mayer

**Departamento de Fundamentos da  
Educação Física**

José Marques Novo Junior

**Laboratório de Atividade Física**

**Motora Adaptada**

Eliana Lucia Ferreira

**APOIO**

**Universidade Federal de Juiz de Fora**

**Faculdade de Educação Física e Desportos**

**Núcleo de Ensino à Distância - NEAD**

**Associação dos Cegos – Juiz de Fora**

**Secretaria de Esporte e Lazer – Prefeitura**

**de Juiz de Fora**

**Colégio dos Jesuítas – Juiz de Fora**

Distribuição gratuita

## **VII SIMPÓSIO INTERNACIONAL DANÇA EM CADEIRA DE RODAS**

### **Comissão de Organização**

#### **Coordenação Geral**

Eliana Lucia Ferreira – FAEFID / UFJF

#### **Coordenação Técnica**

Michelle Aline Barreto – FAGAMMON

#### **Comissão Científica**

Eliana Lucia Ferreira – FAEFID / UFJF

Michelle Aline Barreto – FAGAMMON

Otávio Rodrigues de Paula – FAEFID / UFJF

Maria Beatriz Rocha Ferreira – UNICAMP

Flávio Iassuo Takakura – NEAD

#### **Comissão de Divulgação**

Lívia Carolina Gouvêa de Faria – Gpafa/UFJF

Marina Sad – CAEFI/UFJF

#### **Comissão da VIII Mostra de Dança**

##### **Artística em Cadeira de Rodas**

Eliana Lucia Ferreira – FAEFID/UFJF

Regina Cunha – Regina Ballet

Michelle Aline Barreto – FAGAMMON

#### **Comissão do Campeonato de Dança**

##### **Esporte em Cadeira de Rodas**

Eliana Lucia Ferreira – FAEFID / UFJF

Michelle Aline Barreto – FAGAMMON

Otávio Rodrigues de Paula – FAEFID / UFJF

Adriana Helena Campos Guarino – PJF

Maria do Carmo Crossler

#### **Comissão da secretaria**

Rita de Cássia Guedes de Brito

Remy – FAEFID/UFJF

Juliana Machado de Britto – FAEFID / UFJF

Paula Campos Teixeira – CAEFI / UFJF

Felipe Alhadas Cordeiro – CAEFI / UFJF

#### **Apoio tecnológico-Informatica**

##### **/FEF/UNICAMP**

Victor de Souza Mazzoni – CAEFI/UFJF

Marcelo Leite Agrelli Lobo – CAEFI/UFJF

Lívia Carolina Gouvêa de Faria – Gpafa/UFJF

#### **Tradução do evento**

Bárbara Nascimento Duarte – UFJF



# SUMÁRIO

---

---

<b>PRÉFÁCIO</b>	7
-----------------	---

---

<b>MAPA GERAL</b>	9
-------------------	---

---

<b>TRABALHOS APRESENTADOS</b>	13
<b>CORPOS MÚLTIPLOS QUE DANÇAM COM AS DIFERENÇAS</b>	15
LUCION; P.; DA SILVA, C. P.; PADILHOS, E. M.; LEAL, L. S.; CAVALHEIRO, L.; ANTUNES, M. R.	

---

<b>BENEFÍCIOS DA DANÇA EM CADEIRA DE RODAS PARA ALUNOS COM MIELOMENINGOCELE DAS ESCOLAS DE VARGINHA</b>	21
PEREIRA, J.	

---

<b>A HISTÓRIA DOCUMENTAL DA IMPLANTAÇÃO DA DANÇA ESPORTIVA EM CADEIRA DE RODAS NO BRASIL E CRAÇÃO DA CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DANÇA EM CADEIRA DE RODAS</b>	25
BARRETO, M. A.; FERREIRA, E. L.; DE PAULA, O. R.	

---

<b>QUALIDADES FÍSICAS INTERVENIENTES NOS PASSOS BÁSICOS DA DANÇA ESPORTIVA EM CADEIRA DE RODAS</b>	29
DE PAULA, O. R.; BARRETO, M. A.; FERREIRA, E. L.	

---

<b>ACESSIBILIDADE PARA AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA</b>	35
FERREIRA, E. L.	

---

---

<b>POSTÊRES</b>	41
<b>A DANÇA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O VIVER E A INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA</b>	43

---

<b>ARQUITETURA DA DANÇA: DO DESENHO A CONSTRUÇÃO DE UMA DUPLA</b>	47
SIQUEIRA, A.	

---

<b>CORPOS DEFICIENTES DANÇANTES E AS HABILIDADES MOTORAS</b>	51
ANTUNES, M. R.; DALMAZO, T. J.; CAVALHEIRO, L.; BONALDO, T.; LUCION, P.; LEAL, L.; PADILHOS, E.; SILVA, C. P.; K.; J.; SOUZA, T.; G.	

---

<b>MÉTODO LAS: UTILIZADO COMO BASE DE ENSINO DA 1ª ESCOLA MUNICIPAL DE DANÇA EM CADEIRA DE RODAS DO BRASIL</b>	57
RAMOS, L.	

---

<b>O REAL E O REPRESENTADO: A QUESTÃO DO DEFICIENTE NA LITERATURA BRASILEIRA</b>	61
BRITTO, J. M.; REMY, R. C. G. B.	

---

<b>A DANÇA PROMOVEDO A CIDADANIA</b>	65
RODRIGUES, L.	

---

# PREFÁCIO

---

O VII SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE DANÇA EM CADEIRA DE RODAS, ora se materializa, através do empenho da Universidade Federal de Juiz de Fora, Prefeitura Municipal de Juiz de Fora e a Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas.

A escolha do tema “a construção de relação entre teoria e prática”, delinea o tema do evento e também revela nossa preocupação com a materialidade desta modalidade. Através destas temáticas propomos no decorrer desta semana circular pelos espaços possíveis de serem materializados, indagando suas evidencias e derivas.

A dança em cadeira de rodas tem características específicas que tornou-se marcante à necessidade de uma discussão teórica-prática que tem ocorrido no Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas, onde os pontos de convergência de estudos multidisciplinares lhe conferem uma importância científica e social crescente. A problemática de suas varias vertentes ultrapassa os respectivos limites de uma discussão somente acadêmica sendo necessário à demonstração de trabalhos práticos tanto como arte como esporte.

De fato a dança em cadeira de rodas não se justifica e si mesmo, mas sim em função das relações que tem com a Educação, a saúde física e comportamental e com o equilíbrio social que dela se resulta. Traremos para a discussão a forma de se estar nesses espaços conquistados pela dança e como estamos nos dizendo neles sinalizando como pretendemos administrá-la e transformá-la. Com estes propósitos estamos construindo novas passagens com novos pontos de ancoragem para esta área específica.

Portanto este evento tem se demonstrado ser de amplo interesse para as comunidades envolvidas, pois das experiências no campo científico e didático muito podemos colher e semear. Queremos fazer as cadeira de rodas girarem e, nesse giro, encontrarmos modos de vida, formas de permitir que as pessoas com deficiência estejam efetivamente presentes na sociedade.

Além destes aspectos fundamentais, importante também se torna a convivência entre acadêmicos e a sociedade em geral, abrindo e humanizando novos horizontes e comportamentos que são fundamentais para romper as barreiras acadêmicas e sociais permitindo que estudantes, dançarinos e docentes possam debater as questões que norteiam esta área científica. É esta, a forma com mais potencialidades de cumprir os objetivos educacionais do ensino universitário: torna-se um espaço de debate de novos conceitos, abrindo ao pensamento elaborado fora dos respectivos limites.

Por isto a Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora associou-se a Confederação Brasileira de Dança em cadeira de Rodas para a realização deste evento.

Os trabalhos aqui publicados serão apresentados e discutidos promovendo um confronto de diferentes perspectivas através das quais esse espaço conquistado pela dança em cadeira de rodas é compreendido e vivenciado. Cada pesquisa apresentada é parte do pensamento elaborado sobre a experiência de cada autor. São escritos que permitem críticas tornando-se fundamentais para novas pesquisas. Os trabalhos são de responsabilidade de seus autores, e esperamos que nos momentos de convivência, as trocas de sugestões possam se efetivar.

Da parte da comissão organizadora desejamos que todos sejam bem vindos, e que o espaço do evento propicie momentos de relações interpessoais de socialização do saber.

A todos, nossas saudações acadêmicas.

ELIANA LUCIA FERREIRA

Coordenadora Geral

# MAPA GERAL

---

<b>Terça-feira – 8 de dezembro</b>	
08:00 às 18:00	Curso de Dança em Cadeira de Rodas (Individual) Local: Ginásio/FAEFID Ministrante: Prof <sup>a</sup> . Pippa Roberts – Malta Participantes: Dançarinos sócios da CBD CR
<b>Quarta-feira – 9 de dezembro</b>	
08:30 às 12:00	Curso Avançado de Técnica de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas Local: Faculdade de Educação Física – UFJF Ministrante: Prof <sup>a</sup> . Pippa Roberts – Malta Participantes: Grupos de Dança filiados à CBD CR
19:30	VIII MOSTRA DE DANÇA ARTÍSTICA EM CADEIRA DE RODAS Local: Teatro Pró-musica
<b>Quinta-feira – 10 de dezembro</b>	
	VII SIMPOSIO INTERNACIONAL DE DANÇA EM CADEIRA DE RODAS: A construção de relações entre teoria e prática I ENCONTRO DE ACESSIBILIDADE DA UFJF Local: Anfiteatro da Faculdade de Direito da UFJF
08:30	Recepção dos congressistas
09:00	Inscrições e entrega de material
09:30	Cerimônia de abertura
10:30	Conferência de abertura – Corpo e Poéticas do Deslocamento Palestrante: Prof <sup>a</sup> . Edna Resende de Alcântara – IAD/UFJF
11:30 às 12:30	Apresentação de Temas Livres
14:30	Exposição de Pôster

15:00	<p>Mesa Redonda: Perspectivas e Possibilidade de Movimentos da Dança para Pessoas com Deficiência</p> <p>Palestrantes: Profª. Pippa Roberts – Malta</p> <p>Debatedora: Profª. Jaqueline Fan – PJF</p> <p>Profª. Dorit Sharet – Israel</p> <p>Profª. Drª. Maria Beatriz Rocha Ferreira – Unicamp</p>
16:30	<p>Mesa Redonda – Acessibilidade/Subjetividade: Caminhos a serem percorridos.</p> <p>Palestrantes: Profª. Mônica Gerais Duran</p> <p>Debatedora: Profª. Drª. Eliana L. Ferreira – UFJF</p> <p>Prof. Ricardo Grisolia Esteves</p> <p>Profª. Drª. Maria Elisa Caputo Ferreira – UFJF</p>
18:00	Cerimônia de Encerramento
21:00	<p>Congresso Técnico do Campeonato de Dança Esportiva em Cadeira de Rodas</p> <p>Local: 10º Batalhão de Infantaria de Juiz de Fora</p> <p>Participantes: Representantes de cada clube inscrito para a competição</p>
<b>Sexta-feira – 11 de dezembro</b>	
	<p>II SEMINÁRIO INTERNO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA</p> <p>Local: Anfiteatro da Faculdade de Direito</p>
08:00	Inscrições e distribuição de materiais
08:30	<p>Palestra – Panorama da EAD na UFJF</p> <p>Palestrante: José A. Aravena Reyes</p>
09:30	Coffee-break
10:00	<p>Palestra – Infraestrutura Tecnológica para EaD na UFJF: Situação atual e projeções</p> <p>Palestrante: Maurício Aguilar Molina</p>
11:00	<p>Palestra – Comunicação e Cultura: Apoio as atividades de EaD na UFJF</p> <p>Palestrantes: Raquel Portes</p>

14:00	Palestra – Ensino a Distância: Possibilidades e Caminhos Palestrante: Celso Costa – UAB
15:30	Coffee-break
16:00	Mesa Redonda – Educação Presencial e Educação a Distância: Desafios e Contribuições Palestrantes: Prof. Dr. Eduardo Magrone – UFJF Prof. Dr. Flávio Takakura – NEAD/UFJF Profª. Drª. Nara Pimentel – UAB
17:00	Encerramento



# TEMAS LIVRES

---



# CORPOS MÚLTIPLOS QUE DANÇAM COM AS DIFERENÇAS

---

LUCION, P. ♦ SILVA, C. P. da ♦ PADILHOS, E. M. ♦ LEAL, L. S.  
♦ CAVALHEIRO, L. ♦ ANTUNES, M. R.\*

Historicamente, nas sociedades primitivas imperava a lei da seleção natural e as pessoas com deficiências físicas eram vistas como um “empecilho” para o povo nômade, o que tornava o abandono algo comum, pois a concepção era que simplesmente os mais “fortes” sobreviviam. Bianchetti (1997) considera que ao longo da história, é possível identificar três concepções diferenciadas de deficiência: a Teológica, que prevaleceu da Antiguidade até meados da Idade Média, atribuindo a causa das deficiências aos deuses, a Médica, onde a causa passou a ser atribuída a uma patologia ou distúrbio de um sistema ou órgão e a de Concepção da Complexidade, que considera a deficiência como um problema complexo, devendo ser abordada sob várias perspectivas. Mas apesar de grandes avanços essas pessoas ainda se deparam, em seu cotidiano, com diversos obstáculos que vão desde a impossibilidade de deslocamento provocada pelas barreiras arquitetônicas à dificuldade de integração social, porém há de se ressaltar que a maior barreira, infelizmente, é o preconceito. O quadro revelado até o momento não se formou da noite para o dia, é, sim, fruto de um movimento histórico, dentro do qual as pessoas deficientes, por muitos e muitos séculos, foram tratadas de forma completamente arbitrária. A mídia acaba por reforçar os padrões de “normalidade”, assim, crianças que apresentam atraso no desenvolvimento neuropsicomotor continuam envolvidas em concep-

---

\*Acadêmicas do Curso de Educação Especial  
Centro de Educação – Universidade Federal de Santa Maria/RS/Brasil

ções reducionistas e estigmatizadas. A família de pessoas com deficiência física enfrenta inúmeros desafios e situações difíceis, circunstâncias que talvez outros pais nunca se deparem. Devido ao considerável “esforço” frente as condições da criança, as relações familiares tanto podem se fortalecer como se podem desintegrar. Enquanto algumas famílias são capazes de ser bem sucedidas ao proceder à necessária adaptação, revelando-se consideravelmente realistas, outras encontram-se menos preparadas para aceitar o desafio que uma criança deficiente representa para a família (NIELSEN, 1999). Quando a verdade é revelada (diagnosticada), pode-se ter lugar a um vasto número de reações e o período de adaptação que requerem os membros da família para aceitar a criança “deficiente” dentro das suas vidas varia de uma família para a outra. Em alguns casos o processo é longo e difícil, porém em outros esse percurso é fácil e compreendido. Diversos estudos científicos foram e estão sendo realizados, mas o preconceito e a discriminação continuam a persistir, ou por falta de informação ou até ignorância de muitas pessoas, mas o que não temos como negar é que houve melhorias quanto à qualidade de vida dessas pessoas, porém essa melhoria se torna privilégio, na maioria das vezes, de famílias com médio ou alto poder aquisitivo. A deficiência não é condição fixa, inalterável ou imutável, portanto, é dever de toda a sociedade contribuir para que a pessoa com deficiência física adquira de fato o direito a uma efetiva participação social (FONSECA, 1987). O direito a igualdade de oportunidade e participação é garantido por lei, mas palavras são palavras, é preciso meios (ação) que as sustentam. Somente quando a sociedade se permitir conhecer este tipo de pessoa é que se poderá reverter sua posição segregacionista e reconhecê-los como cidadãos possuidores de potencialidades que precisam ser desenvolvidas e exploradas o mais precocemente possível. Quase sempre a condição de deficiência explica a menor adaptação, são poucas às vezes em que seja posta em causa a escola, equipe ou a família como fatores de adaptação que podem ser modificados. Adaptar é, sobretudo, conhecer quais são os diferentes componentes que podem influenciar o desempenho de uma atividade e manipulá-las de forma que construa uma situação de desempenho ou de aprendizagem adequada ao aprendiz. Se for adequadamente desenvolvida, as pessoas que têm “condições” de deficiência (e outras) terão

oportunidade de ser verdadeiramente incluídas para participar em todos os domínios sociais, porque a sua diferença poderá deixar de ser algo “à parte” para passar a ser um dos “valores” da sempre presente diversidade humana. A exclusão em ambiente social causa dificuldade em vivenciar as possibilidades corporais. E, nesse sentido, comunicam-se vivências de sucesso, motoras, profissionais, afetivas ou sociais, que podem fazer com que a pessoa com “deficiência” aceite mais a condição e até se motive para uma vida mais ativa. Brizolara (1988) concede que desde o nascimento a criança apresenta potencial para desenvolver-se, mas esse desenvolvimento não depende somente da maturação dos processos orgânicos, mas também do intercâmbio com os outros. É nesta perspectiva que salientamos a importância da Dança na vida das pessoas, em especial na vida das pessoas com deficiência física, já que a mesma, independente da situação física do indivíduo, pode proporcionar efeitos benéficos orgânicos e psicológicos, surgindo em suas vidas como uma forma de superação de suas dificuldades e integração social. Pode-se através da Dança, possibilitar uma liberdade de movimentos, de expressão, onde o corpo é compreendido como um instrumento de percepção e comunicação com o mundo, que propicia resgatar aspectos como liberdade de expressão, criatividade e comunicação (melhor qualidade de vida). Adquirem maior mobilidade (facilitando suas atividades cotidianas), “resgatam” sua auto-estima e seu equilíbrio emocional. Sendo que, conforme Wallon (ano), em cada um dos estados do desenvolvimento da criança o movimento assume uma importância cada vez maior. Santin (1987) afirma que o sujeito precisa ser corpo, o que é diferente de precisar do corpo. O princípio do uso do corpo deve ser substituído pela idéia de ser corpo, ou seja, de viver o corpo, de sentir-se corpo, os proprietários de um corpo não são um “eu” ou uma consciência que podem fazer o que bem entendem deste como qualquer coisa, a corporeidade deve estar incluída no entendimento da consciência e do “eu”, é na corporeidade que o homem se faz presente, todas as atividades do homem são realizadas e visíveis na corporeidade. De acordo com Gonçalves (1997), a forma de o homem trabalhar com a sua corporeidade, os regulamentos e o controle do comportamento do corpo não são universais e constantes, mas sim uma construção social, resultante de um processo histórico. O corpo é

a base para a aprendizagem dos conceitos indispensáveis à orientação da criança no mundo, o que enfatiza ainda mais sua importância. Acreditando ser a Dança uma atividade física que pode propiciar muitos benefícios, melhorando as capacidades físicas e psicológicas, contribuindo para o resgate da auto-estima e auto-imagem, promovendo a melhora do relacionamento da pessoa consigo mesma, com as outras pessoas e com o mundo, é que surge o Projeto de Extensão “Uma proposta de Dança para pessoas com deficiência física”, que tem como principais objetivos oportunizar vivências e experiências em Dança, ativar as capacidades físicas em geral, proporcionar um trabalho inter e intradisciplinar entre as diversas áreas do conhecimento (diferentes áreas trabalhando conjuntamente, contribuindo assim para o avanço no entendimento do comportamento motor dessas pessoas), buscar a melhora da auto-estima e da auto-imagem das pessoas com deficiência física, como também buscar a inclusão social dessas pessoas, não esquecendo que nenhum sujeito é igual ao outro, a singularidade existente nas pessoas “normais” também está presente entre as pessoas com deficiência física. O público-alvo são crianças, adolescentes e jovens com deficiência física da cidade de Santa Maria/RS e, no momento contamos com a participação de 3 (três) meninos e 6 (seis) meninas com idades entre 8 a 20 anos. Estão envolvidas, atualmente, no Projeto 2 acadêmicas e 4 professoras de Educação Física, 06 acadêmicas do Curso de Educação Especial e 1 do Curso Fisioterapeuta. Os encontros são realizados aos sábados, no Ginásio Didático n.º 2 (sala de Dança) do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria. Como procedimentos metodológicos, primeiramente, realizamos a anamnese das pessoas integrantes que utilizam as cadeiras de rodas e, um estudo sobre as patologias encontradas em cada uma delas, a fim de serem respeitadas e, ao mesmo tempo, serem trabalhadas dentro das nossas propostas. Num segundo momento, as aulas são construídas baseadas nos princípios pedagógicos Dança-Educação (NANNI, 2003), que faculta a formação corporal, o espírito socializador, possibilita o processo criativo, proporcionando uma educação integral. Seus pressupostos básicos baseiam-se em vivenciar o corpo dentro da sua especificidade; da Dança Criativa (LABAN, 1990; DANTAS, 1999), que compreende o corpo como um instrumento que propicia resgatar as-

pectos como liberdade de expressão e de criatividade, além de servir como base de movimentos naturais; e da Dança-Educação Física (CLARO, 1995), voltada para um enfoque multidisciplinar, dá importância a uma visão interdisciplinar, em que enfatiza o desenvolvimento da consciência corporal e espaço-temporal. Nesta perspectiva, os conhecimentos de diversas áreas procuram ser integrados enquanto processo educacional, com o propósito de atingir um fim comum. No intuito de relacionar os princípios pedagógicos desenvolvidos nas aulas do Projeto e o processo coreográfico, que culminará com a elaboração de coreografias, citamos Orlandi (2002, p. 14), que escreve “coreografar é inscrever significativamente o corpo no espaço num determinado tempo”, portanto é o corpo que fala através de gestos de interpretação. Durante a construção coreográfica é necessário explorar e experimentar os movimentos, deixar fluir a imaginação para que se chegue ao movimento-tema. Para tanto, são utilizadas algumas técnicas como as de improvisação sugeridas por Haselbach (1988) e por Fahlsbuch (1990), que colocam o participante no centro do processo. Desta maneira, neste Projeto apresentamos as coreografias a partir da construção coletiva, pois acreditamos que a Dança, além de ser um meio de comunicação e expressão, possibilita ao praticante desenvolver seu potencial crítico e criativo. Segundo Nanni (1995) e Verderi (1999), a Dança é um meio que possibilita expressar a corporeidade dos alunos através do movimento, sendo considerada também como um veículo de transformação pela humanização do ser. Neste sentido proporciona uma educação integral, onde faculta a formação corporal, o espírito socializador, possibilita o processo criativo e desenvolve aspectos éticos e estéticos. O objetivo da educação é estimular o desenvolvimento daquilo que é individual em cada ser humano, considerando a corporeidade de cada aluno e integrando-o ao grupo social. A Dança pode inclusive ser uma medida terapêutica empregada a pessoas com deficiência física, com o objetivo de melhorar o funcionamento orgânico, além de oportunizar a recreação e o bem-estar. Buscando assim a melhora das funções fisiológicas nas áreas comprometidas. A Dança, além das dimensões educativas e terapêuticas, também é qualificada como a arte e, como tal, pode ser evidenciada através das composições coreográficas. A Dança-Arte mistura movimento e sentimento, criando um verdadeiro universo de magia,

estimulando a imaginação do espectador, emocionando-o e, muitas vezes, levando-o ao êxtase. Sachs (1944) nos relata sobre a qualidade artística da Dança, que é a manifestação artística que se evidencia no corpo, dando vida às emoções e transformando o conjunto sentimento-movimento em arte.

# BENEFÍCIOS DA DANÇA EM CADEIRA DE RODAS PARA ALUNOS COM MIELOMENINGOCELE DAS ESCOLAS DE VARGINHA

---

PEREIRA, J. A.

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como foco principal estudar os benefícios da dançaterapia em alunos com mielomeningocele das escolas de Varginha. Serão aplicados questionários com questões de qualidade de vida, de estado de humor e motivação, sendo utilizados como ferramentas principais: avaliação postural estática e dinâmica, psicomotricidade e testes de psicologia do esporte para avaliar os alunos antes e após a aplicação da dançaterapia. A idéia surgiu com a questão da inclusão fortemente marcada na metodologia dos PCNs e pela ausência da prática de metodologias específicas para os cadeirantes baseadas em pesquisas nas aulas de educação física nas escolas de Varginha e região. Este projeto não é totalmente inovador, pois, em algumas cidades de Minas Gerais a dança em cadeira de rodas já é sucesso, porém se desconhece a aplicação em escolas. A estrutura que o UNIS nos fornece dá acesso à todas as crianças das escolas de Varginha com mielomeningocele. É sabido que, a aplicação da dança em cadeira de rodas mesmo em curto período de tempo já oferece nova visão de capacidades as pessoas em cadeira de rodas, fundamental para sua qualidade de vida. Isto, obviamente, leva o educador físico a conclusões de busca de novas metodologias de inclusão e, conseqüentemente, a

novas pesquisas. Desta forma, este trabalho visa criar uma ferramenta para compreensão do novo, do diferente, sem fugir dos aspectos físicos, psíquicos e sociais da criança com mielomeningocele, valorizando-as, entendendo-as, e oportunizando sua participação e interação no mundo.

## 2 MATERIAL E MÉTODOS

Será feito estudo da amostra e público alvo nas escolas de Varginha e aplicado termo de consentimento do comitê de ética aos alunos. Será desenvolvido um questionário com questões de qualidade de vida dos alunos, sendo aplicado antes da dança em cadeira de rodas., coletando dados. Será realizada avaliação postural estática e dinâmica, avaliação do padrão motor, goniometria nas principais articulações para verificar amplitude de movimento e testes de psicologia do esporte para avaliar estado de humor e motivação dos alunos antes da aplicação da dança-terapia. Baseado nestes dados serão aplicado as sessões de dança nestes alunos controlando o desenvolvimento para estabelecer os padrões de aplicação continuada da dança em cadeira de rodas.

Como primeira etapa, foi estudado a estrutura do local de aplicação da dança-terapia no Centro Universitário do Sul de Minas UNIS MG, que possui sala ampla para a aplicação, necessitando somente de um espelho para que os alunos desenvolvam melhor imagem corporal, aceitação e conhecimento de suas capacidades e melhor compreensão da dança em cadeira de rodas.

Na etapa seguinte, o trabalho será aplicado e após a conclusão das sessões de dança, haverá aplicação do questionário informado sendo realizado avaliações contínuas, podendo mensurar estatisticamente os benefícios da dança em cadeira de rodas.

Na terceira etapa, haverá interpretação dos resultados e criação de gráficos para os valores encontrados, possibilitando novas buscas científicas.

### 3 RESULTADOS ESPERADOS

A dança em cadeira de rodas promove a consciência corporal, melhor controle postural, maior disposição ao tratamento devido a aceitação do corpo e da cadeira de rodas, ganho de equilíbrio e coordenação motora , melhor expressão corporal e valorização da vida e suas capacidades, buscando melhor qualidade de vida.

### 4 CONCLUSÕES

As conclusões esperadas para o trabalho deverão ser de imediato, alcançar os seus objetivos, considerando que os resultados podem superar os objetivos propostos, mostrando assim, a necessidade de inclusão do esporte terapêutico da escola na utilização de novas metodologias em favor das crianças com mielomeningocele. Devemos considerar ainda que as metodologias desenvolvidas e utilizadas podem também ser analisadas e discutidas de forma a inovar métodos de ensino em busca de melhor qualidade de vida em atividades de vida diária das crianças com mielomeningocele e outras patologias.



# A HISTÓRIA DOCUMENTAL DA IMPLANTAÇÃO DA DANÇA ESPORTIVA EM CADEIRA DE RODAS NO BRASIL E CRAÇÃO DA CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DANÇA EM CADEIRA DE RODAS

---

BARRETO, M. A. ♦ FERREIRA, E. L. ♦ PAULA, O. R. de

Pretendemos com esse levantamento histórico, baseado em documentos – jornais, registros, fotos, súmulas – escrever a história da dança esportiva em cadeira de rodas no Brasil e da criação da Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas. A necessidade de escrever a história da dança em cadeira de rodas encontra-se em relatar sua trajetória de construção e legitimidade enquanto modalidade no país.

A dança em cadeira de rodas é entendida como uma prática motora de variados estilos de dança sobre a cadeira de rodas proporcionando assim a inclusão de um maior número de pessoas no universo da dança (FERREIRA, 2008). Krombholz (2001) destaca que esta dança pode ter caráter artístico ou competitivo.

No Brasil, até 2001 havia relatos de dança em cadeira de rodas como proposta artística. Um mapeamento foi feito pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) apontava 35 grupos em diferentes regiões do país desenvolvendo esta modalidade (CBDCR, 2009).

A Associação Brasileira de Desporto em Cadeira de Rodas (ABRADECAR) e da Associação Nacional de Desporto para Deficientes (ANDE), interessadas na implan-

tação da dança esportiva em cadeira de rodas no país realizou diversas palestras fazendo a divulgação da modalidade, estas ministradas por Eliana Lucia Ferreira – uma estudiosa da UNICAMP – e realizaram também um levantamento neste mesmo período, meados do ano 2000, durante os Jogos Regionais Para-Olímpicos nas regiões Nordeste, Centro-Oeste e Sul, para investigar se havia interesse das associações em envolverem-se com a dança esportiva, visto que muitas delas já desenvolviam dança em cadeira de rodas. E constatou-se que esse interesse ficou evidente entre as instituições (CBDCR, 2009).

Após a constatação de um universo favorável ao desenvolvimento da dança como modalidade esportiva, estudiosos de dança e da educação física, para pessoas com deficiência, propõem, com o apoio da UNICAMP e da ABRADecAR, a realização do I Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas, na cidade de Campinas de 5 a 7 de novembro de 2001 (FERREIRA; TOLOCKA, 2001). Para o qual foram convidados pesquisadores, políticos e instituições de todo país.

Segundo a organização do simpósio (FERREIRA; TOLOCKA, 2001) os principais aspectos motivacionais para esse evento foram: o crescente número de grupos de dança em cadeira de rodas naquele momento e legitimação dessa nova modalidade de dança arte/esporte. Foram propostos como objetivos deste encontro impulsionar pesquisas em torno da dança em cadeira de rodas e discutir o tema com pessoas (professores/pesquisadores e representantes de instituições) que já estavam envolvidas com o esporte adaptado.

De acordo o anais do evento foram realizadas três mesas redondas que traziam as discussões: 1) “Perspectivas das pesquisas de dança em cadeira de rodas no Brasil”; 2) “Proposta de métodos de dança em cadeira de rodas” e 3) “Dança e pessoa portadora de deficiência física”. E também um encontro intitulado “Perspectivas organizacionais da dança esporte em cadeira de rodas no Brasil”, este de grande importância para o futuro da dança no país.

Em um viés mais prático foi proporcionado aos participantes um curso – “Minicurso de dança em cadeira de rodas” – ministrado pelo professor Hebert Rausch, professor e dançarino pertencente ao grupo de dança em cadeira de rodas da Alemanha, seus país de origem.

Além dos eventos de caráter científico e organizacional, as instituições foram convidadas a participar de uma mostra de dança. A *I Mostra de Dança* foi realizada no dia 6 de novembro de 2001, quando participaram 10 grupos de dança de todo Brasil.

## **Criação da Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas**

Segundo o site da Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas (2009):

A Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas, foi fundada em 6 de novembro de 2001, na Faculdade de Educação Física da Unicamp, no decorrer no I Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas. É uma entidade civil, não governamental, de caráter esportivo, artístico e educacional, sem finalidade lucrativa, responsável pela administração, direção, difusão, promoção e incentivo da modalidade de dança em cadeira de rodas, praticado por dançarinos com e/ou sem deficiência física no Brasil.

Foi durante o encontro – “Perspectivas organizacionais da dança esporte em cadeira de rodas no Brasil” – que pessoas de diversas esferas da sociedade discutiram a criação de uma confederação de dança em cadeira de rodas (DCR) no país. Representantes políticos (Secretaria Nacional de Esporte e Comitê Paraolímpico Brasileiro), de entidades de pessoas com deficiências de todo país (São Paulo, Bahia, João Pessoa, entre outros), professores/pesquisadores da dança e da educação física adaptada (FERREIRA; TOLOCKA, 2001).

Nesse ambiente de discussão dos interessados sugeriu-se a criação da Confederação Brasileira de Dança Cadeira Rodas (CBDCCR), que teve seu estatuto posteriormente aprovado em Assembléia Geral do dia 04/12/2001, prevendo as seguintes finalidades: “administração, direção, difusão, promoção e incentivo da modalidade

de dança em cadeira de rodas, e representação do Brasil na área do desporto para pessoas com deficiência física, especificamente a prática de dança” (CBDCCR, 2009).

## **Seus sócios fundadores foram:**

ABAD – Associação Baiana de Atletas Deficientes

ABRADECAR – Associação Brasileira de Desporto em Cadeira de Rodas

AMDF – Associação Mogiana de Deficientes Físicos

ANDE – Associação Nacional de Desporto para Deficiente

APDEF – Associação Petropolitana de Deficientes Físicos

ARDEF – Associação Riopretense dos Deficientes Físicos

CPSP – Clube dos Paraplégicos de São Paulo

FUNAD – Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência

Faculdade de Educação Física – UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Faculdade de Educação Física – UNIVERSIDADE DE ITAÚNA

A partir de então a CBCR vem cumprindo suas finalidades, anualmente realizando os campeonatos brasileiros de dança esportiva em cadeira de rodas e tradicionalmente organizando as mostras de dança artística no período de competição em diversos estados do país.

Quanto aos eventos científicos estão sendo realizados sem seguir uma periodicidade uniforme, pois estes dependem de apoio de uma instituição de ensino e um dispêndio de verba maior. E sempre que possível material científico é produzido com o intuito de difundir a modalidade e instigar as discussões em torno da modalidade.

# QUALIDADES FÍSICAS INTERVENIENTES NOS PASSOS BÁSICOS DA DANÇA ESPORTIVA EM CADEIRA DE RODAS

---

PAULA, O. R. de ♦ BARRETO, M. A. ♦ FERREIRA, E. L.

## 1 INTRODUÇÃO

Segundo Dantas (2003) o treinamento desportivo é o conjunto de procedimentos e meios utilizados para se conduzir um atleta a sua plenitude física, técnica e psicológica. Ainda de acordo com o autor, o treinamento desportivo é composto por alguns itens como: os princípios científicos, os aspectos organizacionais do treinamento – periodização, os diversos tipos de treinamento, dentre outros.

A aplicabilidade destes itens, bem como o grau de importância de cada um deles, varia de acordo com o tipo de modalidade esportiva em questão. Além disso, sabe-se que cada modalidade possui características diferenciadas em termos de dinâmica competitiva, e isso conseqüentemente implica em diferentes formas de treinamento, o que na maioria dos esportes tradicionais já se encontra caracterizado na literatura, ao contrário do que se vê nos esportes adaptados (DEPAUW; GAVRON, 1995).

A dinâmica, o propósito e os objetivos a serem atingidos na maioria dos esportes em cadeira de rodas são oriundos de algumas adaptações feitas a partir do esporte convencional que o originou. Por exemplo, o basquete em cadeira de rodas, é o basquete que foi adaptado para as pessoas com deficiência, assim como o tênis em cadeira de rodas, o *rugby* em cadeira de rodas, entre outros.

Sendo assim, tem sido proposto que a metodologia do treinamento desportivo nos esportes adaptados deva seguir os mesmos princípios da utilizada no esporte convencional correspondente, porém que seja levado em consideração as especificidades do esporte adaptado e acima de tudo a diversidade de deficiências inerente aos atletas paraolímpicos (POMME; CAVALCANTI, 2006; RAVACHE, 2006; TEIXEIRA; RIBEIRO, 2006).

Neste sentido, Dantas (2003) enfatiza que a identificação das qualidades físicas intervenientes dos diversos esportes é um dos principais itens a serem observados por um preparador físico no treinamento de uma determinada modalidade.

De acordo com Costa (2002) as avaliações dessas variáveis motoras são fundamentais para tomada de decisão, na prescrição do treinamento e/ou em programas de reabilitação. Além disso, a ordem de importância no treinamento dessas capacidades, bem como a frequência de treinamento de cada uma, é diferente para cada esporte (MARINS; GIANNICHI, 1998).

Porém, não têm sido encontrados na literatura estudos que identifiquem as qualidades físicas nos passos básicos da Dança Esportiva em Cadeira de Rodas (DECR), e tão pouco a avaliação destas qualidades.

Conforme destaca Ferreira (2008), a DECR, assim como o esporte adaptado de um modo geral, tem contribuído de forma significativa na inserção social das pessoas com deficiência. Entretanto, precisamos aplicar novas tecnologias e estratégias para um aumento significativo da performance esportiva. E um dos empecilhos é que constantemente os aspectos relacionados ao treinamento de alto rendimento são de alguma forma deixados de lado. Isso pode ser devido à falta de tecnologias adaptadas às diversas limitações impostas pelas variadas deficiências (COSTA, 2002).

No esporte de alto nível, o principal objetivo do treinamento físico é o de levar os atletas a altos níveis de performance. Para tanto, o treinamento das variáveis motoras, ou capacidades físicas mais importantes para aquele esporte, se torna de grande importância.

Neste sentido, Dantas (2003) propõe uma metodologia de identificação das qualidades físicas necessárias durante a realização de uma performance, baseada

na utilização de imagens do esporte em questão para o preenchimento de uma folha de scout.

Com isso, o objetivo deste trabalho é identificar quais são as qualidades físicas intervenientes nos passos básicos da DECR.

## 2 METODOLOGIA

Identificação das qualidades físicas intervenientes por meio de análise das imagens do vídeo *Wheelchair Dance Sport – Latin Dances* (KROMBHOLZ; RAUSCH; ZIMMER, 2001) que contém os passos básicos, padronizados e avançados para montagem das coreografias das danças latinas na DECR. Posteriormente preenchemos a ficha de *scout* adaptada da proposta de Dantas (2003) com a classificação das qualidades em: imprescindíveis; importantes e secundárias.

## 3 RESULTADOS E CONCLUSÃO

O Quadro 1 mostra a ficha de *scout* preenchida com as qualidades físicas intervenientes nos passos da DECR.

QUALIDADES FÍSICAS			PREPARAÇÃO FÍSICA		
			Membros Superiores	Membros Inferiores	Tronco
Forma Física	Preparação Neuromuscular	Flexibilidade	IM	N	IM
		Força	IM	N	IM
		Resistência Muscular Localizada	IP	N	IP
	Preparação Cardiopulmonar	Resistência Anaeróbica	IP	N	IP
		Resistência Aeróbica	IP	N	S
Habilidade Motora		Velocidade	IM	N	IP
		Agilidade	IM	N	IP
		Equilíbrio Estático	IP	N	IP
		Equilíbrio Dinâmico	IP	N	IP
		Coordenação	IM	N	IM

**Legenda:** IM – imprescindível; IP – importante; S – secundária; N – não participa.

**Quadro 1:** qualidades físicas intervenientes na DECR.

**Fonte:** O autor adaptação de Dantas (2003).

A flexibilidade, a força, a velocidade, a agilidade e a coordenação foram eleitas como qualidades físicas imprescindíveis à performance na DECR. Há ainda outras qualidades classificadas como importantes e outras secundárias que também devem ser abordadas no treinamento da modalidade.

Segundo Marins e Giannichi (1998) a força pode ser definida como a capacidade de exercer tensão muscular contra uma resistência, envolvendo fatores mecânicos e fisiológicos. Costa (2002) destaca que a força passa a ter um papel fundamental para as pessoas com deficiência, principalmente as acometidas nos membros inferiores, onde a ausência de possibilidade de movimentação com estes membros passa a ser suprida pelos membros superiores e tronco.

No âmbito da performance a força se destaca, pois em todas as modalidades ela aparece como fator preponderante para a obtenção de resultados. Na DECR o

desenvolvimento desta capacidade é de suma importância, uma vez que a modalidade exige grande velocidade de deslocamento por parte dos atletas na cadeira de rodas, associada a mudanças rápidas de direção. Além disso, a DECR requer para o deficiente físico um bom nível de força rápida de membros superiores, especialmente da musculatura específica envolvida na propulsão em cadeira de rodas.

Já a graciosidade e a beleza dos movimentos do corpo humano, tais como podem ser vistas em uma exibição de DECR, dependem primariamente da amplitude de mobilidade das articulações corporais. Essa mobilidade é representada pela flexibilidade, que pode ser definida como a amplitude máxima fisiológica passiva em um dado movimento articular (ARAÚJO; ARAÚJO, 2004).

Em relação aos desportos, os principais estudos na área têm demonstrado a importância da flexibilidade para o desempenho das outras capacidades físicas, cooperando para um menor gasto energético quando há uma amplitude de movimento adequada do atleta.

Outra qualidade física que destacamos para a performance na DECR é a agilidade. Marins e Giannichi (1998) a define como uma variável neuromotora caracterizada pela capacidade de realizar trocas rápidas de direção, sentido e deslocamento da altura do centro de gravidade de todo o corpo ou parte dele.

A agilidade exerce elevada importância em modalidades esportivas que necessitam de mudanças de direção sem perda de velocidade ou ritmo, como é o caso da DECR. Em adendo, esta variável pode ser considerada uma capacidade motora coordenativa complexa muito importante nas atividades esportivas e altamente dependente de capacidades motoras condicionais como força, velocidade e coordenação (GORGATTI; BÖHME, 2003).

Por último destacamos a velocidade, que é a capacidade de realizar um movimento no menor espaço de tempo (MARINS; GIANNICHI, 1998), ou seja, uma característica muito pertinente a DECR.

Não foi encontrado na literatura resultados das qualidades físicas avaliadas neste estudo e que poderiam servir de suporte para discussão. Porém os resultados mostrados neste presente estudo bem como a metodologia apresentada, representam um passo inicial e podem servir para futuros questionamentos sobre esta temática na DERC.

Ressaltamos ainda, que estes resultados podem servir de suporte aos preparadores físicos que desejam iniciar um trabalho com a DECR e que estas qualidades físicas devem ser desenvolvidas no treinamento.

Concluimos que a flexibilidade, a força, a velocidade, a agilidade e a coordenação, são as qualidades físicas imprescindíveis à performance na DECR, e que, portanto, devem ter uma certa prioridade no treinamento e que devem ser associadas ao treinamento técnico desta modalidade.

Além dessas qualidades imprescindíveis, temos outras classificadas como importantes e secundárias que se associam com a maioria dos passos básicos executados na DECR, devendo também ser levadas em consideração no treinamento.

Torna-se necessário a aplicação de novas tecnologias e/ou instrumentos de análise que determinem com precisão a ordem de importância no treinamento dessas capacidades.

# ACESSIBILIDADE PARA AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

---

FERREIRA, E. L.

As pessoas com deficiência constituem uma categoria historicamente discriminada. Vítimas da rejeição ou da compaixão social, tais pessoas estiveram sempre à margem do convívio com os cidadãos considerados normais.

O abismo existente entre a sociedade e as pessoas com deficiência vem de longa data no Brasil. A cidadania se afirma pela apropriação de bens simbólicos, culturais e sociais (MAZZOTA, 1996), incluindo o acesso irrestrito à educação, saúde e assistência. O trabalho, o lazer, a segurança são também direitos sociais inscritos em nossa Constituição. A educação, como instância mediadora, é ao mesmo tempo o exercício de um direito e a possibilidade de ampliação do acesso a outros direitos fundamentais. No caso das pessoas com deficiência, e não só delas, esses direitos se afirmam no direito à igualdade com respeito à diferença. No entanto, consideramos um dos problemas essenciais da atualidade é a questão da aceitação da diversidade e a igualdade de oportunidades dentro da alteridade. As relações sociais, não mudam por decreto, pela lei. O modo como estas relações se dão são históricos e mudam conforme se criam novas condições para que estas relações se dêem.

A análise da dinâmica da instituição universitária brasileira deve ser feita no conjunto das relações e das correlações de forças que forma o todo social. Enquanto instância formadora de recursos humanos para os diversos setores da atividade humana e geradora de conhecimento, a universidade deve ser enfocada sob o pris-

ma dialético da totalidade versus particularidades. Nesta perspectiva é que Fávero (1980, p.19) diz:

O conceito de totalidade se reveste de importância fundamental: o todo se constitui de partes que só existem e se explicam pela totalidade. Sendo assim, não é possível explicar nenhum acontecimento social, sem delectar as relações que ele mantém com os outros fatos e o todo social. Por mais fragmentados que, à primeira vista, se apresentem certos eventos, há sempre uma interdependência, uma conexão com a totalidade e não apenas mera justaposição ou somatório de suas partes. Se assim ocorresse, o todo não teria história e suas partes constituiriam fragmentos anatômicos.

Uma das formas de superação das desigualdades nos dias de hoje é o conhecimento e o livre acesso em todos os espaços públicos. Sendo assim, a criação e manutenção de serviços de informações acessíveis ao cidadão é, sem dúvida, uma forma de reduzir as desigualdades sociais.

Sabemos que as universidades brasileiras em sido alvo de diferentes estudos e análises críticas. A grande maioria dos estudos tem apontado falhas e equívocos, tanto nos aspectos administrativos como pedagógicos. Dentre estas críticas é preocupante o distanciamento existente entres as propostas políticas e pedagógicas das universidades e a realidade objetiva que a circunda.

O advento da pesquisa e da extensão como atividades fins da universidade abriu um importante espaço no interior da mesma para a realização de projetos para atenderem esta população. Todavia, a universidade brasileira limitou-se a avaliar e a propor alternativas pedagógicas para as instituições especiais de atendimento aos deficientes, ou seja, ela própria, a universidade, não se empenhou em se modificar internamente para absorver a pluralidade da demanda social.

O desafio que nos apresenta como de urgente necessidade de superação é o de institucionalização, no interior da universidade brasileira, de condições de acesso e permanência no eu interior de pessoas até então marginalizadas pela imposição de barreiras arquitetônicas e atitudinais. A criação de laboratórios de apoio

acadêmico a estudantes deficientes constitui reconhecimento e a viabilização de um direito de cidadão.

As pesquisas mostram que atualmente há uma consciência crescente de que muitas pessoas têm dificuldades em conseguir uma participação igualitária na sociedade por terem pouco acesso às informações atualizadas e pouco acesso aos espaços públicos.

Bourdieu (1994) ressalta que a opção científica constitui ao mesmo tempo uma opção política. Nesta perspectiva é que ele diz que os métodos e as estratégias científicas representam a posição política do cientista. Portanto optar pelo desenvolvimento de estudos e pesquisas sobre as pessoas com deficiência, no interior da universidade significa assumir politicamente uma posição perante o país.

No conjunto de suas funções sociais, portanto, é que compete à universidade ocupar o lugar de vanguarda na construção crítica do conhecimento e na solução dos problemas sociais. Da mesma forma, a mesma deve mostrar com clareza as contradições do todo social, propondo alternativas concretas para as deformações nele delectadas. A questão da presença e permanência das pessoas com deficiência no âmbito da universidade constitui um problema social emergente e como tal precisa ser tratado.

As limitações físicas que as pessoas com deficiência apresentam, somadas com as limitações sociais de reconhecer o direito, juntamente com as barreiras arquitetônicas que os impede de usufruir o seus direitos de ir e vir, em muitos casos, as mesmas encontram-se limitadas no que tange sua capacidade de qualificação profissional, educacional e conseqüentemente social.

Direito social é direito à alimentação, à moradia, à saúde; à previdência e assistência; à educação; à cultura; e direito à participação “dos frutos do progresso científico” ( Art.25 ao 28 dos Direitos Humanos, 1975).

Portanto, o direito à igualdade de oportunidades das pessoas com deficiência depende, necessariamente, de uma conscientização sobre suas necessidades e também sobre seus direitos, cuja incorporação aos textos legais tem ocorrido progressivamente no âmbito da legislação da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

A Universidade Federal de Juiz de Fora, nas suas atividades de pesquisa, ensino e extensão têm proporcionado um importante espaço para a realização de projetos que atendem esta população, e para tal a mesma tem se empenhado para se modificar e absorver a pluralidade da demanda social.

Dois princípios são básicos para se refletir sobre as questões relativas ao acesso e a permanência com sucesso de pessoas com deficiência no Ensino superior: o de “universalização e o de democratização”. Estes princípios estão contemplados nas leis do país, especificamente a Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência (RESENDE; VITAL, 2008). A universalização das condições de acesso ao ensino superior pode ser vislumbrada nos documentos legais. Atualmente, existem diferentes formas de acesso ao ensino superior, após a Lei no 9.394/96 as formas de acesso podem ser diferenciadas e cada instituição que elabora as suas políticas de acesso. porém, todas ocorrem via processo seletivo, seja único ou parcelado.

Atualmente a UFJF conta no seu quadro docente, discente e técnico administrativo, com a presença de aproximadamente 25 pessoas com deficiência. Os alunos com deficiência regularmente estão matriculados em diferentes cursos. Já os projetos de extensão conta com participação de aproximadamente 250 pessoas com deficiência em diversos projetos oferecidos à comunidade.

No entanto, o desafio que nos apresenta como de urgente necessidade de superação é o de condições de acesso e permanência no seu interior destas pessoas até então marginalizadas pela imposição de barreiras arquitetônicas e atitudinais. Diante do exposto, temos como propostas de ação possibilitar o convívio da sociedade universitária respeitando as diferenças individuais.

Percebe-se que as Universidades Brasileiras apresentam diferentes experiências de acesso ao ensino superior sendo executadas. Entretanto, a preocupação geral tem sido de como estas políticas estão garantindo às pessoas com deficiência situações reais de equiparação das condições de participação nos processos seletivos como meio de acesso ao Ensino Superior.

As preocupações são pertinentes porque, pois há pouco tempo, não se concebia a idéia de uma pessoa com qualquer deficiência ser capaz de realizar um curso superior. A discussão da inclusão na educação de nível superior é muito recente.

No entanto, é nestas circunstâncias que o segundo princípio o da democratização das condições de acesso ganha total sentido, uma vez que, debater a democratização é pensar nas condições e nos mecanismos de participação da comunidade em geral e na discussão de tais políticas de acesso.

Neste sentido é que a UFJF, como agência formadora e, portanto como uma referência de produção e socialização de conhecimento, tem se empenhado para implementar ações institucionais que garantam o exercício dos direitos das pessoas com deficiência.

A partir das diversas ações anteriormente realizadas constatou-se da importância de se criar junto à Secretaria de Desenvolvimento Institucional uma Coordenação de Acessibilidade com o objetivo de ultrapassar os limites de busca de acesso à universidade. Estabeleceu-se a partir de 2009 uma política institucional de acesso e permanência das pessoas com deficiência no âmbito da UFJF.

Sendo assim, a Coordenação de Acessibilidade Educacional Física e Informativa – CAEFI é mais uma ação que concretiza a busca do respeito ao direito à igualdade de oportunidades da sua comunidade acadêmica em geral.



# PÔSTERES

---



# A DANÇA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O VIVER E A INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

---

Arte e corpo apresentam pontos de confluência entre a necessidade de expressão humana e a constante construção da linguagem, são veículos e podem tornar-se campos de referência para a comunicação de cada pessoa (CASTRO, 1999, p. 3).

## 1 INTRODUÇÃO

Considerando a importância da arte e em específico a dança como possibilidade de articulação dos sujeitos à cultura, temos o objetivo de realizar uma aproximação às propostas que se configurem na interface entre as artes e a saúde através de uma pesquisa que investigue como ocorrem, na atualidade, as experiências de pessoas com deficiências no contato com as artes, em especial com a dança no Clube dos Paraplégicos de São Paulo. Partimos do pressuposto de que através do trabalho com a dança, são reveladas novas possibilidades de existência, novas formas de vida, desenvolvem-se cuidados e atenção que contribuem para a reorganização da vida das pessoas. Trata-se, portanto, de proporcionar conhecimento e experiência com um recurso que passa a auxiliar na transformação das rotinas e ordem estabelecidas, constituindo-se como um instrumento para uso próprio dos sujeitos, permitindo crescimento pessoal, autonomia, interação social e cultural (COSTA et al., 2000).

A intenção deste é trabalhar a partir da observação participante e da coleta de relatos orais, dar voz aos sujeitos que vivenciam estas propostas que efetivam processos de inclusão e participação social a partir de proposições artísticas.

A dança é a arte do movimento que apresenta características fundamentais para a realização do humano em cada indivíduo, sendo possível conhecer o corpo, a si mesmo, e a relação corpo-mente através de sua realização e através dele se comunicar e expressar.

Rudolf Laban, bailarino, estudioso do movimento humano e renovador da dança desenvolveu interessantes estudos que enfatizam aspectos fisiológicos e psíquicos que levam o homem a se movimentar. Nos seus trabalhos apresentou movimentos realizados de maneira espontânea e sempre como resultado consciente da união corpo espírito. Em *Domínio do Movimento* (1971), Laban apresenta uma concepção de dança baseada na linguagem do movimento, definida como um sistema de expressão não-verbal, advindo em respostas a estímulos internos ou externos, para exprimir idéias, sentimentos, sensações, emoções, para satisfazer necessidades físicas ou pelo puro prazer de se movimentar. Nesse sentido, a dança como linguagem, tem o poder de desvendar o mundo profundo e silencioso da ação simbólica, configurando-se como uma necessidade interna do homem (LABAN, 1971).

Para Laban, todo e qualquer movimento é digno de pesquisa e deve ser explorado num processo de ampliação de possibilidades expressivas e corporais, que em última instância leva à ampliação do campo vivencial dos sujeitos.

## 2 DESENVOLVIMENTO

Através do trabalho com a dança, são reveladas novas possibilidades de existência, novas formas de vida, desenvolvem-se cuidados e atenção que contribuem para a reorganização da vida das pessoas. Por meio desse trabalho é possível conhecer o fazer do outro e compreender as diferentes formas do fazer humano.

## Objetivo Geral

- ◆ Conhecer e estudar experiências de inclusão de pessoas com deficiência desenvolvida no Clube dos Paraplégicos de São Paulo e identificar:
  - a) as formas de acesso e participação dos indivíduos;
  - b) dificuldades e impedimentos na efetivação da participação.

## Objetivos Específicos

- ◆ Revelar propostas de inclusão das pessoas com deficiência nesse campo artístico;
- ◆ Observar como ocorre a construção participativa e a experiência criativa e expressiva dos sujeitos;
- ◆ Atualizar informações e dados sobre inclusão de pessoas com deficiência em experiências artísticas e culturais, em especial na dança;
- ◆ Contribuir para a criação de uma mudança efetiva no território sociocultural, a partir de ações aproximativas e reflexivas que ampliem a compreensão do problema exposto.

## 3 CONCLUSÃO

Quando essa autêntica expressão ocorre, inicia-se um processo de desconstrução das barreiras instituídas por nosso estilo de vida e pela atmosfera mental na qual vivemos. Além dessa importante desconstrução, os ensinamentos da dança ajudam as pessoas a enfrentarem seus temores e adquirirem confiança para se comunicar livremente, com sensibilidade e imaginação (LABAN, 1990).

Trata-se, portanto, de proporcionar conhecimento e experiência com um recurso que passa a auxiliar na transformação das rotinas e ordem estabelecidas, constituindo-se como um instrumento para uso próprio dos sujeitos, permitindo crescimento pessoal, autonomia, interação social e cultural (COSTA et al., 2000).



# ARQUITETURA DA DANÇA: DO DESENHO A CONSTRUÇÃO DE UMA DUPLA

---

SIQUEIRA, A.

Ao longo dos anos temos observado através de acertos e erros, como estão sendo formados ou qual o perfil das duplas em uma competição. Na maioria das duplas formada nota-se a falta do conhecimento sobre o assunto em questão a Dança Esportiva (DE) , seus signos e princípios, principalmente a junção Dança Esportiva mais Dança em Cadeira de Rodas (DCR). Esse fenômeno pode ser notado pela grande oscilação que temos dentro das competições, núcleos, casais que começaram com desenho errado e aos poucos se dissolveram e hoje nem mesmo sabemos o que estão realizando.

Para responder essas questões e solidificar um trabalho, o deficiente físico (cadeirante) deverá ser introduzido a um processo de aprendizagem. O cadeirante passará por aulas de dança, primeiramente voltado para o lado artístico, em que, esse indivíduo deve conhecer e entender seu corpo tanto no espaço físico quanto no imaterial, se reconhecer dançarino e não mais um ser deficiente inapto a desenvolver atividades em qualquer esfera. Aceitar-se como membro produtor de dança é fundamental para o seu desenvolvimento artístico.

Um erro muito comum é colocar o dançarino cadeirante que ainda não passou por esse processo de reconhecimento em uma competição, por experiência junto ao Studio Dança em Cadeira de Rodas / Secult (1ª Escola Municipal de Dança em Cadeira de Rodas / Santos) que respeita o limite de tempo de cada aluno para a sua formação, colocar uma métrica para esse processo mesmo que por amostragem seria um equívoco.

O cadeirante deve ter aulas de reconhecimento espacial, limites do seu próprio espaço, saber dividir e permitir que o outro divida seu espaço são fundamentais nesse período de aprendizagem. Após essa fase colocamos o indivíduo em apresentações para que o mesmo passe pelo processo de exposição apesar desse ainda não sofrer o peso de um julgamento comparativo e individual.

Ao longo desse processo devem-se introduzir os elementos que compõe a DE, como conteúdo histórico, diferença entre a Balroom e a DE, seus códigos e nomenclaturas, muito importante dentro da construção coreográfica da dupla.

Todo esse desenvolvimento são apenas 50% da construção da dupla, é nesse momento que começamos a trilhar um caminho que na maioria das vezes ignoramos, pré concebemos que o melhor parceiro para completar a dupla é alguém que tem experiência, noção em dança de salão ou em qualquer área de dança. Esses profissionais possuem códigos, signos muito enraizados e difíceis de adaptação, dessa forma acaba-se formando duplas pobres em conteúdo, sintonia, disparates e erros coreográficos grotescos. O ideal é que o parceiro escolhido passe pelo mesmo processo de aprendizado. A adaptação é de extrema importância, a soma de conhecimento e troca de experiência deve acontecer desde que respeitado o objetivo final.

No Brasil a pratica da DE e mesmo da DECR tem menos de 10 anos, dentro de um contexto mundial estamos engatinho na pratica da dança. Deveríamos adotar essa prática como ocorre em outros países na fase da infância onde o elemento humano é uma massa pronta para ser moldada, em Santos já estamos trabalhando essa massa, mas sabemos que são futuros resultados para uma ou duas décadas. E o que fazer para sanarmos o problema agora.

Em outro momento do desenvolvimento que podemos mexer nessa massa, a fase da adolescência, onde esse corpo ainda esta se desenvolvendo, se reconhecendo e a compreensão e maturação de suas habilidades são claras e evolutivas.

Em 2009 estamos fechando um ciclo de 2 (dois) anos de aula, com um grupo que aos poucos foram se selecionando e hoje contamos com um resultado direto de 6 adolescentes com faixa etária entre 10 e 17 anos, formando um conjunto de 3 ( três ) duplas de DE.

Na 1ª fase do aprendizado esses dançarinos foram apresentados a história, diferenciação, ritmização, postura e compreensão corporal da DE. Trabalhou-se as 3 primeiras danças latinas, o Samba, a Rumba e o Jive, e no 2º momento o Cha cha cha, essas 4 danças compõem o repertório musical nacional, todos os seus códigos musicais são notados claramente em seus cotidianos. Passado por essa trajetória é que há a apresentação a DCR artística e competitiva (duas vertentes fundamentadas no Studio).

Nesse momento unir esses dois mundos é quase uma simbiose perfeita, deve-se ressaltar que esses trabalhos não andam separados, e sim paralelamente. Trabalhamos fortalecemos e enriquecemos individualmente para somar depois. Não podemos achar que apenas isso é o suficiente nem sempre a mixagem é boa ou ideal. Erramos para poder acertar e até o momento os acertos são eficazes.

Criar união coreográfica entre os dois estilos, desenhar uma linha tênue entre a DCR e a DE, fundir esses interesses em apenas um a solidificação do Studio DCR são os nossos objetivos. Hoje contamos com o resultado de 4 duplas e outras em processo de junção e adaptação inclusive com o infantil, trabalhamos sim para o hoje mas sabemos que os nossos resultados serão colhidos no futuro.



# CORPOS DEFICIENTES DANÇANTES E AS HABILIDADES MOTORAS

---

ANTUNES, M. R. ♦ DALMAZO, T. J. ♦ CAVALHEIRO, L. ♦ BONALDO, T.  
♦ LUCION, P.V ♦ LEAL, L. ♦ PADILHOS, E. ♦ SILVA, C. P. ♦ SOUZA, T.

## 1 INTRODUÇÃO

Conforme Gaio (2006) a história do corpo deficiente, tem como ponto de partida e como ponto de chegada à realidade, é produto das ações sociais, culturais, políticas, religiosas do ser, diferente em cada momento, assim como forjada no encontro incessante com o meio ambiente. Em épocas primitivas existiam dois tipos de atitudes em relação ao corpo deficiente, de aceitação, tolerância e outro de eliminação e menosprezo. Para Tolocka (2006), a Dança surge como possibilidade de movimentos que ultrapassam a visão de corpos, de formas e de técnicas perfeitas; é meio de comunicação e transmissão de idéias, de fala e de expressão dos diferentes e sobre as diferenças. A Dança em Cadeira de Rodas surgiu num primeiro momento como forma de reabilitação e terapia, com o passar dos anos surge como Dança Artística e, muitas vezes é analisada através de conceitos da cultura e identidade social. Também é considerada como um código estético incorporado pela Dança Contemporânea, enquanto linguagem ligada à arte (MULLER, 2001). Essa vertente da Dança é entendida como aquela que o praticante realiza os movimentos com o auxílio da cadeira de rodas, estando em contato com outros bailarinos,

---

\* Orientadora. Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> do Centro de Educação Física e Desportos/UFSM/RS/Brasil

\*\* Professora de Educação Física/Coordenadora Técnica do Grupo de Dança sobre rodas Extremus

\*\*\* Acadêmicas do Curso de Educação Física (Licenciatura)/CEFD/UFSM/RS/Brasil

\*\*\*\* Acadêmicas do Curso de Educação Especial/CE/UFSM/RS/Brasil

que utilizam cadeiras de rodas ou não (VARGAS, 2008). Para estudiosos como Lundy-Ekman (2000) a posição da cabeça em referência à gravidade, ao pescoço e o mundo visual afeta as ativações musculares do tronco, sendo sinalizada pela propriocepção cervical e pela informação vestibular e visual. Os movimentos da Dança, conforme Schilder (1999) influenciam cinesteticamente na percepção do corpo, pois eles alteram a reação vestibular. Neste estudo, tivemos como objetivos verificar e analisar as habilidades motoras (agilidade, coordenação motora ampla e fina, lateralidade), bem como a noção de corpo de pessoas com deficiência física que praticam Dança em Cadeira de Rodas, através da aplicação dos testes em duas etapas (pré e pós-testes). Na construção da Matriz Teórica desenvolvemos temas relevantes, tais como “um olhar sobre a deficiência física”, no qual destacamos vários conceitos acerca do termo deficiência. Autores como Carmo apud Gaio (2006), descreve que o termo deficiente é atribuído aos membros da sociedade, os quais apresentam alguma forma de anormalidade ou diferenciação perante os demais, quer no domínio cognitivo, afetivo ou motor. Normal é a pessoa que se utiliza de todos os sentidos e de seu corpo de forma eficiente. Deficiente é a pessoa que não utiliza um ou mais sentidos, que tenha limitações motoras ou mentais, que tenha um corpo anormal (ROBERTES,1996). Mas não podemos olhar para um corpo apenas do ponto de vista biológico ou fisiológico. Para Moreira (apud GAIO, 2006), o olhar para os corpos, em especial para os corpos deficientes, deve configurar-se na perspectiva humana, fisiológica, biológica, psicológica, antropológica e este entendimento é compreensível no contexto da integração social, política e cultural dos indivíduos. Conforme Gaio (2006), o assumir-se como sujeito independe da pessoa enxergar ou não, andar ou não, pois o essencial não está no instrumento, mas no modo como se dá inserção do sujeito no contexto social. Essa mesma autora define a deficiência física como uma variedade de condições não sensoriais, que afeta o indivíduo em termos de mobilidade, de coordenação motora geral ou de fala, como decorrência de lesões neurológicas, neuromusculares e ortopédicas ou ainda de más formações congênicas ou adquiridas. O próximo tema que abordamos são as “capacidades motoras: a busca do aprimoramento de movimentos dançantes”, que para Jardim (1995) as habilidades são determinadas geneticamente, enquanto ou-

tros autores declaram exatamente o oposto, onde as habilidades desenvolvem-se por meio da experiência. Magill (2001) define habilidade como qualquer tarefa simples ou complexa que por intermédio da exercitação pode passar a ser efetuada com elevado grau de qualidade podendo chegar à automatização. Já autores como Canfield (1995), Schimidt (1993), Falbusch (1990), Thomas (1998), Gray (1989) consideram habilidade uma condição inata, variando de pessoa para pessoa.

Ao tratarmos da *Dança sobre cadeiras de rodas: as possibilidades do dançar* verificamos que desde os primórdios dos tempos que o homem manifesta-se através da Dança, seja como celebração, participação ou espetáculo. Segundo Garaudy (1980), os homens dançaram todos os momentos solenes de sua existência; na guerra, na paz, no casamento, nos funerais, na sementeira e na colheita, dentre outros. Esse mesmo autor escreve que a palavra Dança, em todas as línguas – danza, dance, tanz – deriva da raiz *tan* que, em sânscrito significa tensão. Dançar é vivenciar, é exprimir, com o máximo de intensidade a relação do homem com a natureza, com a sociedade e com o futuro. Segundo Mattos (2005), é preciso quebrar o preconceito de que a pessoa que depende de uma cadeira de rodas para sua locomoção não pode criar movimentos e, tão pouco se expressar através da Dança. É preciso oferecer para o dançarino que utiliza cadeira de rodas, situações de auto-expressão e descobrimento de suas reais possibilidades, para tanto, sugere-se que haja uma observação quanto às capacidades motoras e os interesses destes alunos, estimulando sua participação em todo o processo. Conforme Ferreira (2005), a Dança em Cadeiras de Rodas é um movimento historicamente recente, pois o processo de sua constituição vem sendo construído pelas possibilidades abertas da Dança Moderna, da Dança de Salão e da Dança Terapêutica. Por ser recente ela está se legitimando e passando por um processo de construção de identidade no mundo da Dança, da Educação Física e da Fisioterapia. Ferreira (2005) escreve que o fato da deficiência humana ter sido considerada inadequada, anormal, e, portanto, excluída da sociedade por tantos anos, foi um empecilho para a Dança. Hoje em dia, a Dança em Cadeira de Rodas é classificada como artística ou esportiva. A Dança Artística é entendida como Dança Criativa ou Moderna e pode ser realizados na categoria solo, casais ou em grupos. A Dança em Cadeira de Rodas esportiva é rea-

lizada em duplas, tendo um dançarino em cadeira de rodas e um andante. Quando o tema é a “consciência corporal e os corpos deficientes dançantes”, Porto (2005) acredita na Dança em Cadeira de Rodas como uma das inúmeras formas e possibilidades para se explorar o dançar, portanto é mais uma oportunidade que surge para o corpo dançante poder sentir algo de próprio e singular. Acreditamos igualmente que o corpo sendo limitado ou não fisicamente, ao dançar em uma cadeira de rodas, poderá sentir todas as emoções que qualquer dançarino sente, ou seja, ele é um corpo dançante que pode viver intensamente os movimentos na sua relação com o mundo, deixando-se perceber pensando, criando, atuando, decidindo e sentindo muitas coisas ao movimentar-se. Para Nanni (2003) a consciência corporal é o reconhecimento consciente do conjunto de estruturas representativas, que servem a base para a ação motora, assim ela se estrutura através da noção que estabelecem com a percepção e a memória, a formação do esquema corporal. Sob este enfoque a consciência corporal tem fortes implicações com elementos neuropsicológicos, fisiológicos, sociais, afetivos, históricos e culturais. Freitas (1999) nos relata que a consciência do corpo é definida como a maneira pela qual a atenção sobre o corpo é distribuída e as pessoas diferem no quanto elas estão conscientes de seus corpos. As técnicas corporais que auxiliam o desenvolvimento da noção de corpo podem ajudar estas pessoas a ter esta consciência. Esta consciência de corpo segundo Freitas (1999) também esta enraizada na história, nos modelos de corpos definidos como belos, fortes, saudáveis. Os corpos ditos feios, gordos, sujos, deficientes e desajustados são os corpos considerados na nossa sociedade como aqueles que não contribuem para a relação de produção, por isso são marginalizados. Em relação aos *caminhos metodológicos*, o presente estudo caracterizou-se por ser do tipo empírico-analítico, com caráter experimental. Através da sistematização, do controle dos dados empíricos e das análises, fundamentaram os instrumentos de coleta e o tratamento dos dados. A amostra foi constituída de cinco pessoas com deficiência física que utilizam cadeira de rodas, sendo 3 do sexo feminino e 2 do sexo masculino, na faixa etária de 9 a 14 anos, participantes do Projeto de Extensão “Uma proposta de Dança para pessoas com deficiência física” – (CEFD/UFSM) há mais de 4 anos. Os instrumentos utilizados foram a observação, que utilizou um

protocolo priorizando as seguintes categorias: relações entre o corpo-equipamento e o corpo-coreografia; igualmente utilizamos a bateria de testes psicomotores adaptada de Fonseca (1995). Foram desenvolvidas, através da Dança em cadeira de rodas, atividades e técnicas que aprimoram a consciência corporal, desenvolveram as habilidades motoras, bem como as técnicas que auxiliaram a composição coreográfica; foi feita a análise descritiva dos dados obtidos (pré-testes) e dos protocolos de observação e por fim, elaboramos uma relação teórica dos benefícios encontrados na Dança com o desenvolvimento das habilidades motoras associadas à noção de corpo. Os resultados obtidos após a aplicação dos pré-testes, em relação aos testes de agilidade, lateralidade, coordenação óculo-manual, coordenação dinâmica manual, demonstraram que os participantes apresentam diferenças significativas no seu desenvolvimento motor, apesar de praticarem as mesmas atividades propostas durante as aulas. Em relação ao teste de desenho do corpo (noção de corpo), verificamos que a imagem corporal destes sujeitos, muitas vezes, deixa de relacionar o corpo e a utilização da cadeira de rodas, evidenciando, no nosso entendimento, uma espécie de fuga da realidade. São inúmeros os benefícios da prática da Dança para todos, inclusive para pessoas com deficiência física, pois possibilita vivenciar o corpo dentro da sua especificidade, considerando a pessoa na sua totalidade e, permite que cada bailarino determine a sua relação com o tempo e o espaço, sendo levado em conta as individualidades e aptidões próprias, respeitando suas possibilidades e experiências motoras. Para Gaio (2006) é possível acreditar numa realidade mais humana se assumirmos que ninguém é perfeito, e, por isso devemos entender as diversidades, e a partir das diferenças criarmos uma sociedade em condições de receber, lidar e conviver com os corpos deficientes. Ser deficiente não é ser incapaz, as incapacidades e as desvantagens poderão ser minimizadas quando o meio possibilitar acesso para essas pessoas. Queremos demonstrar com este trabalho, que corpos deficientes podem, através da Dança, mostrar e desenvolver habilidades motoras, são seres capazes, tem seus espaços de atuação na sociedade, precisam ser valorizados e querem viver.



# METODO LAS: UTILIZADO COMO BASE DE ENSINO DA 1ª ESCOLA MUNICIPAL DE DANÇA EM CADEIRA DE RODAS DO BRASIL

---

RAMOS, L.

Respeitar o tempo/espaço e o limite de cada indivíduo, é o grande diferencial desse método. Ainda que seja um curso curricular de formação e profissionalização do bailarino cadeirante instalado nas dependências do Teatro Municipal, devemos ressaltar que cada corpo é único em expressão e desenvolvimento, principalmente corpos com limitações físicas, a serem trabalhados a partir desse fato e não apesar dele. Para isso é essencial que existam diretrizes claras de trabalho, como a definição da dança.

Em sua plenitude dança em cadeira de rodas (DCR), é dança em cadeira de rodas. Ainda que nela exista uma releitura de outros estilos agregando-se a mesma uma gama de códigos e signos que nem por isso a definam. Devemos ressaltar a sua singularidade já que ao invés de passos utilizamos movimentos e enfatizar que só existe DCR porque existe o cadeirante.

Contudo é necessário diferenciar material humano de equipamento de trabalho, o cadeirante deve vestir a cadeira de rodas e não apenas sentar, já o material a ser trabalho é o cadeirante como um todo e não apenas braços, pois não há uma dissecação no indivíduo para a prática da dança, ainda que não haja movimento se existir tecido, osso e circulação existe material de trabalho. É fundamental que haja uma ficha de anamnese e agregada a ela um mapeamento corporal e histórico evolutivo (individual). Normalmente o indivíduo traz um diagnóstico, o qual utilizo apenas para apontar o caminho a ser seguido e não para definir a base de trabalho,

já que trabalhamos indivíduos e não deficiência síndromes ou doenças ; rótulos não devem ser aceitos com verdade absoluta.

O início do trabalho é realizado com a pratica das três vertentes da DCR, a dança-terapia (método Maria Fux) a dança artística e a dança esportiva, entretanto apenas as duas ultimas são verdadeiramente desenvolvida para finalização coreográfica.

Devemos levar em conta também o AVP (atividade de vida pratica) e o AVD (atividade de vida diária) de cada um, pois isso refletira diretamente em diversos aspectos como, por exemplo, em sua empunhadura já que o toque diário não é o mesmo da dança.

Apesar da didática de cada professor ser individualizada, a dinâmica da aula deve ser concisa e o objetivo claro, para isso existe um conteúdo programático, grade curricular, carga horária e material didático (vídeos, cd's, apostila etc.), a serem seguidos.

Todo aula deve conter dois aspectos básicos de fundamental relevância, o aquecimento inicial e o relaxamento final, porque é necessário dizer ao corpo quando começar e quando parar. Esta fase depende da sensibilidade do professor e sua sintonia com os alunos, sendo esta de livre criatividade desde que exista um foco direto para o conteúdo do restante da aula. Entretanto a passagem pelos módulos (o método trabalha com 3 módulos de formação e mais 1 técnico) dependerá diretamente do *feed back* do aluno.

É importante trabalhar em classes iniciantes os aspectos facilitadores do indivíduo para que o mesmo mantenha o envolvimento com o grupo de forma a elevar sua auto estima havendo assim motivação para continuidade do trabalho.

O horário da aula também refletira diretamente no andamento do curso, já que o cadeirante utiliza membro superior no lugar de membro inferior e a musculatura humana atinge seu ápice de força uma única vez ao dia, portanto devemos levar em conta a fadiga e o stress muscular (principalmente em turmas noturnas), pois um aluno que já chega para a aula em exaustão não terá rendimento no decorrer da mesma podendo ainda sofrer pequenas lesões.

Fatores como, idade cronológica, seu tempo como cadeirante a adaptação e às vezes a troca de cadeira também apontarão pequenas modificações na grade cur-

ricular, já que a compreensão em turmas infantis é diferenciada. Portanto há de se planejar e trabalhar individualmente para obtenção de resultados coletivos.

Diretrizes básicas para o trabalho – parte integrante do conteúdo programático do curso de DCR Secult/Santos:

- Reconhecimento do espaço – teórico e prático;
- Descoberta do ser – eu como sou e o eu dançante;
- Empunhadura – posicionamento correto no aro da roda;
- Toque – controle e delimitação;
- Postura e equilíbrio;
- Posições de braço e cabeça;
- Deslocamentos – retilíneos, zig zag e de seguimentos corporais;
- Posicionamento – 8 posições direcionais;
- Giros – básicos e direcionais;
- Deslocamentos em giros;
- Freio – desaceleração controlada do movimento;
- Breque – parada total do indivíduo em movimento;
- Ritmo e musicalidade;
- Coordenação no acompanhamento de seqüências coreográficas.

Basicamente esses são os componentes do início coordenativo, os aspectos evolutivos em diferentes graus de exigência apontarão bases combinantes de desenvolvimento e evolução do indivíduo. O estudo histórico da dança e os componentes teóricos também são importantes para a sua prática, e devem compor seu repertório.

Quanto ao condicionamento físico que é de suma importância o praticante da dança esportiva em cadeira de rodas devesse apresentar os atributos de um bailarino e o condicionamento físico de um atleta, isto dependerá de fatores diretos e indiretos, como a agenda do grupo, data de campeonatos e adaptação as técnicas condicionantes como controle respiratório, força abdominal, resistência, circuitos combinatórios de treino.

Acreditamos que a dança artística promove bases de trabalho para a dança competitiva, por isso a utilizamos inicialmente, em contra partida a dança competitiva credibiliza a artística, pois se a competição existe reconhecimento.

Nessa fase a meta é solidificar o ensino e fortalecer a DCR para que a mesma não seja apenas mais um modismo passageiro, acredito na multidisciplinidade e na troca de experiências e esperando uma união entre os clubes para que não existam apenas grupos ou ciás isoladas e sim uma potencia Brasil. Talvez o descongestionamento que eu almejo não seja apenas no olhar do publico e sim de seus praticantes.

Embora ninguém, possa voltar e fazer um novo começo [...]

Qualquer um pode começar agora e fazer um novo fim.

(Chico Xavier)

# O REAL E O REPRESENTADO: A QUESTÃO DO DEFICIENTE NA LITERATURA BRASILEIRA

---

BRITTO, J. M.\* ♦ REMY, R. C. G. B.\*\*

Durante muito tempo o termo “literatura” foi usado indiscriminadamente, com a finalidade de se referir à bibliografia de um modo geral. Com o advento do romance no século XVIII, na tentativa de se parodiar as novelas de cavalaria, os autores buscaram nesse novo gênero estabelecer uma nova perspectiva de representar o mundo vivido através da “conquista verbal da realidade” (CORTÁZAR, 2006, p. 61).

Dentro dessas novas concepções de arte e de mundo, temos narrativas que dialogam com o impasse de vidas anônimas – em maior ou menor grau de densidade psicológica – apoiados no uso que o senso comum faz do cotidiano e na verossimilhança, isto é, na expressão de Aristóteles,

não a adequação àquilo que aconteceu, mas àquilo que poderia ter acontecido; ou a coerência interna no que tange ao mundo imaginário das personagens e situações miméticas; ou mesmo a visão profunda – de ordem filosófica, psicológica ou sociológica – da realidade (ROSENFELD, 2007, p. 18).

À medida que buscamos uma representação fiel da realidade em um texto narrativo através de imagens pré-fabricadas pelas artes do movimento (novelas ou cinema) e pela arte escrita, nos deparamos a um paradoxo: o realismo consiste em inventar ficções que parecem realmente verdade? Nesse sentido, temos uma pro-

---

\* Mestranda em Literatura Brasileira – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF)

\*\* Especialista em Aspectos Metodológicos e Conceituais da Pesquisa Científica (UFJF)

dução de “realidades” exacerbada pelo sensacionalismo, pela propulsão ao choque, pela necessidade imperiosa de produzir novidades. Assim, teríamos realidades dentro de uma realidade comum.

A modernidade enquanto experiência pluricultural abarca uma produção de realidades que culminam na cultura do consumo e do mercado e, assim, a arte adquire uma função diversa, para garantir ao leitor-espectador uma imersão no mundo da representação, que, entretanto, não pretende não se desvincular de uma análise crítica do social e do mundo vivido.

Ao dar ênfase ao portador de qualquer deficiência – seja ela física, mental ou visual – o intelectual, ao falar por quem sofre o “problema” ali explanado, figura, muitas vezes, uma experiência superficial, pois não participou daquela vivência detalhada. Assim, gera uma relação tensa, elevada ao nível da superstição (BUARQUE, 1975) que no sentido literal se constitui em um “sentimento que se funda no medo ou na ignorância e que leva ao conhecimento de falsos deveres, ao receio de ações sobrenaturais e à confiança em coisas ineficazes; crendice; fanatismo; preconceito.” Falar pelo deficiente seria como simpatizar por ele e sua forma peculiar de vida, mas, ao mesmo tempo, distanciar-se das peculiaridades que os cercam.

Em contraposição a essa perspectiva, no ano de 1982, Marcelo Rubens Paiva lança o livro *Feliz ano velho*. Nele trata da sua experiência autobiográfica ao relatar o acidente que o deixou tetraplégico depois de mergulhar em um lago e bater a cabeça acidentalmente em uma pedra. Ao tratar a questão da deficiência, o leitor pode ser levado a pensar que se trata de um livro “careta”, repleto de lamúrias, do tipo “o livro conta o processo de recuperação e as lembranças de um rapaz que ficou paraplégico aos 20 anos de idade.” Porém, o texto franco, direto, escrito com grandes doses de carisma e, por que não, bom humor, não se limita a lamentar a má sorte de um jovem rapaz que, se divertindo, inesperadamente torna-se tetraplégico. Na verdade, *Feliz ano velho* mostra toda a inquietação de um jovem que viveu plenamente, como se cada minuto de sua vida fosse o último.

Sem estigmatizar ou preconizar um tipo de preconceito, o autor questiona implicitamente a si mesmo, ao outro e a sociedade: pode uma pessoa, em uma cadeira de rodas, estar mais inteira do que nunca? A prova real, é que, sem se tornar

exemplo ou herói, Marcelo Rubens Paiva desvela seus casos amorosos, conta-nos da sua carreira musical e da sua participação ativa no quadro político da UNICAMP, onde cursava faculdade de Agronomia.

A sociedade ocidental contemporânea, cultuando um corpo perfeito, muitas vezes ignora o corpo deficiente, seja na vida real quanto no mundo da arte. Eles são estigmatizados pela dificuldade de atingir a perfeição. As pessoas vêem em primeiro lugar nos deficientes as impossibilidades e, muitas vezes, com isso, matam a capacidade criativa e artística que pode brotar deles. Através da arte, o deficiente pode alcançar prazer, satisfação pessoal, aceitação do próprio corpo e de suas limitações. O processo de exclusão social vem desde os primórdios e na literatura não é diferente. É difícil encontrar publicações que coloquem entre seus personagens pessoas com deficiência. Questões referentes à deficiência são sofridas e causa certo impacto. Esse conjunto, situado na família, na comunidade, e no próprio indivíduo, afetado, gera tensão. Os ditos “não normais” estão em desvantagem no ponto de vista da leitura sócio cultural. Segundo a definição da OMS (1989, p. 35-37):

no domínio da saúde, desvantagem (handicap) representa um impedimento sofrido por um dado indivíduo resultante de uma deficiência ou de uma incapacidade, que lhe limita ou lhe impede o desempenho de uma atividade considerada normal para esse indivíduo, tendo em atenção à idade, sexo e fatores sócio-culturais.

A literatura, como fonte de conhecimento e interface entre leitor e as idéias ali contidas, não pode se transformar em um mero esquematismo, conforme Eagleton: “o realismo artístico, portanto, não pode significar ‘representar o mundo tal qual é’ mas sim representá-lo de acordo com as convenções da representação do mundo-real” (JAGUARIBE apud EAGLETON, 2007, p. 26). Logo, é preciso criar mecanismos sociais que proporcionem não a adequação do deficiente no habitat “normal”, mas a valorização dele como ser humano capaz de produzir algo belo e produtivo. A desmarginalização dos deficientes em todos os planos da sociedade

trará a tão sonhada e idealizada inclusão social. Inclusão esta que transformará o deficiente em cidadãos produtivos, participantes e conscientes de si mesmo.

A mídia e a literatura têm papel fundamental na construção do ser conforme sua “realidade” – nem tanto alcançado como pretendido, mas pelo menos tentado – como válvula impulsionadora de transformação e modalização da sociedade em que nos encontramos.

# A DANÇA PROMOVENDO A CIDADANIA

---

RODRIGUES, L.\*

A Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência na cidade de João Pessoa – PB, através do Núcleo de Vivência em Artes, vem realizando um trabalho de incentivo a arte e reabilitação com atendimento a pessoas com deficiência (física, auditiva, visual, intelectual e síndromes). A dança no contexto artístico ao longo dos 17 anos vem oportunizando e promovendo pessoas com deficiência a descobrirem seus potenciais e suas conquistas sociais. Foi com esse propósito que o grupo de dança Roda Vida de João Pessoa – PB iniciou seu momento histórico na dança no país.

A dança como elemento facilitador no processo de reabilitação e inclusão social, contribuiu efetivamente na vida das pessoas que usam dessa prática. O grupo Roda Vida tem como exemplo o bailarino Valdemir Tavares, sequelado de poliomielite, que aos 15 anos iniciou sua reabilitação através do basquete ball em cadeira de rodas, após alguns anos conheceu a dança esportiva em cadeira de rodas e seu desenvolvimento acelerou muito mais. A dança esportiva entrou nas nossas vidas como um furacão, mais precisamente em 2001 na UNICAMP no I Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas, que teve como idealizadora a Dra. Eliana Lucia Ferreira. Todos esses anos de experiência e de participação em Mostras de Dança e campeonatos brasileiros trouxeram repercussão positiva e prazerosa ao atleta Valdemir, a dança o motivou e desencadeou um momento de mudanças em

---

\* Graduada de Educação Física  
Professora; bailarina; coreógrafa; professora de dança.  
Formação em dança (ballet clássico, dança moderna)  
Fundadora e coordenadora do Núcleo de Vivência em Artes da FUNAD, 1992/ 2009  
Vice presidente da CBD CR 2001/ 2008  
Secretária geral da CBD CR 2009  
Reabilitadora

sua vida, tais como: qualidade de vida, auto-estima, cidadania entre outros. As suas conquistas aconteceram em diversas áreas da sua vida; como por exemplo: sua área profissional, atualmente estuda o 4º período de fisioterapia, foi atleta titular do basquete da FUNAD – PB e conquistou a 1ª divisão no país. Atualmente é bicampeão brasileiro de dança em cadeira de rodas, participou da seleção brasileira de basquete atualmente joga em um time paulista que também foi campeão.

A vida de Valdemir se transformou e conseqüentemente me atingiu de uma forma esplendorosa, atualmente estou concluindo o curso de Educação Física, que, a partir da dança em cadeira de rodas, possibilitou um crescimento profissional e humano, também foi marcante na nossa história. As várias apresentações que fizemos no país entre elas citaremos a mais evidenciada, que foi na novela América da rede globo a convite da autora Glória Peres.

**APOIO:**



**REALIZAÇÃO:**

